

VALORES DE UM HERÓI: MITO E POLÍTICA NA POESIA ÉPICA DE VIRGÍLIO

Wellington Ferreira LIMA*

Resumo: Este trabalho tenta uma leitura de *Aeneis* de Virgílio, com vistas a uma revisão na interpretação do valor sócio-político desta obra, a partir de passagens menos transparentes do poema e, talvez por isso, não tão comentadas. Tomando momentos mais ambíguos ou, a nosso ver, outros cuja leitura possa ter sido sufocada pela interpretação majoritária, i.e., lecionada nas nossas academias, tenta-se rever a importância que o imperador Otávio Augusto vem a ter neste poema.

Palavras-chave: Virgílio; Eneida; Roma; Augusto; Valores Romanos; Mito.

O fato de *Eneida* constituir uma obra símbolo do período da história romana conhecida como Época de Augusto e que Virgílio fora um dos grandes propagadores dos ideais morais do *princeps*, não somente em sua épica, mas também o fizera anteriormente em suas *Geórgicas*, é idéia comum entre toda a crítica literária ou entre outros estudiosos de clássicas ou política, nas palavras de Leoni (1971),

“A grandeza de Roma, exaltada em ‘Aeneis’, é o império de Augusto; e o império de Augusto significa a civilização do mundo inteiro”.

E, de uma maneira ou de outra, outros autores, por nós justamente respeitados, como E. Paratore², Zélia de Almeida Cardoso(2003)³ ou Rocha Pereira(2001)⁴. É exatamente isso o que se pretende, aqui, mostrar. Contudo, o mérito do trabalho será encontrar um quê de novo, a partir da forma de que Virgílio se utiliza para expressar o sentimento que o rodeava logo após – e durante – as mudanças pelas quais passou o Estado romano, mesmo que isto resida, unicamente, na maneira de se reafirmar aquilo que inúmeras vezes já fora dito sobre o vate.

* Professor substituto da UFJF, especialista em estudos literários – UFJF, mestrando em Estudos Clássicos – UFMG, e-mail: demodoco@oi.com.br

¹ LEONI, G.D.; A literatura de Roma. São Paulo: Livraria Nobel, 1971

² PARATORE, E..História da literatura latina. Lisboa: Kalouste-Gulbenkian,

³ CARDOSO, Zélia de Almeida. A literatura latina. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁴ ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Estudos de Cultura Clássica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

A matéria básica de que Virgílio lança mão em sua composição são os mitos. Mitos que ele toma das comunidades italiotas, do Egeu e do Jônio a fim de reconstruir uma narrativa mítica o mais próximo possível das histórias correntes no Mediterrâneo. Porém, é de se ressaltar que a grande maioria da população já não tinha esses mitos tão próximos quanto seus antepassados muito embora este ainda constituísse um tesouro de imagens preponderante para o homem culto. Segundo Veyne(1991)⁵

“la mitologia era una ciencia *grata*, un juego de pedantería entre iniciados, y ese juego los divertía mucho.”

Mas, escapando ao lugar-comum – mérito primeiro de todos aqueles que escapam ao crivo exigente do tempo – Virgílio recorre ao mito como uma realidade onírica, como um aerolito capaz de atravessar os tempos e que possui uma especificidade significativa não alcançada por nenhum outro tipo de signo, um significado indizível por outros significantes por ser uma experiência, digamos, numinosa que se encontra na base das estruturas de pensamentos dos homens. Enquanto conta a história da fundação do povo romano ele trabalha cada evento contado sobre a viagem dos dardânios até o Lácio. Cada momento é especialmente tratado de acordo com a finalidade de exaltação aos valores julgados importantes para os Quirites. *Pietas* (compromisso com a terra, os entepassado e os deuses), *uirtus* (virtude de conceituação um tanto difícil, uma vez que indica, aproximadamente, a qualidade básica para “ser homem”), *clementia* (capacidade de dar e perdoar, opositora da *seueritas*, mais louvada em tempos da antiga república) e *iustitia* (justa retribuição) são ressaltados pelas atitudes do *pious Aeneas* ou seus companheiros o que é, quase unanimemente, considerado um louvor às virtudes do próprio Augusto, defensor de uma política conservadora e moralista.

É a partir daí que o presente inicia sua reflexão. Teria o poeta procurado uma expressão pura de engajamento político em favor do *status quo*, i.e., a favor da política daquele que há pouco fazia-se imperador, ou poderia ele ir de encontro a esta apologia nos momentos em que esta estaria em desacordo com os valores superestimados por seus contemporâneos e, decerto, pelo próprio poeta⁶?

Observando com cautela o tratamento dado a alguns momentos da *fabula* do transporte dos teucros para o Lácio, encontramos algumas dissonâncias se considerarmos isotópico o elogio a Júlio Otávio na obra. Procuraremos apontar algumas dessas notas e, na medida do possível, entendê-las no conjunto desta fabulosa sinfônica.

⁵ VEYNE, Paul. La elegia erotica romana. Trad. Juan Jose Ultrilla. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1991

⁶ Para enumeração de tais valores é, sobretudo, importante a consulta à ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Estudos de Cultura Clássica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, II parte.

1 – Alguns aspectos interessantes sobre Augusto

Sobre o primeiro imperador de Roma vejamos o que diz Tácito⁷:

“As pessoas sensatas variamente exaltavam ou censuravam-lhe a vida. Uns diziam que por piedade filial e por amor da república, onde então eram impotentes as leis, ele se abalançara à guerra civil, que sem muita habilidade não pode ser movida nem sustentada; que muitas concessões havia feito a Lépido e Antônio, enquanto cuidava de vingar a morte de seu pai, mas, depois que aquele se entorpecera pela velhice e este afundara na devassidão, nenhum outro remédio havia para as dissensões internas senão o governo de um só; que, entretanto, para organizar a república, não se proclamara rei ou ditador, preferindo o título de príncipe; que as legiões, províncias, classes faziam agora um só todo; que para os cidadãos vigorava o direito e para os aliados a moderação; que a cidade fora aformoseada, e tudo, enfim, alcançado raras vezes com violência, para que os mais gozassem de paz.

Em contrário, porém, diziam outros que a piedade filial e a situação da república tinham sido para ele um pretexto, porém que na realidade, por ambição de domínio, moço ainda e como simples particular, organizou um exército, e por larguezas os veteranos e corrompeu as legiões do cônsul, e, simulando dedicação ao partido de Pompeu, obteve, por decreto do senado, as faces e a dignidade de pretor; que, depois da morte de Hírtio e Pansa (ou tivessem eles perecidos às mãos dos inimigos, ou Pansa por veneno instilado nos ferimentos e Hírtio por crime de seus próprios soldados, a que não teria sido estranha a influência de Augusto), ele se apoderou dos exércitos de ambos, fez-se cônsul contra a vontade do senado e voltou contra a república as armas que recebera contra Antônio. Falava-se nas proscricções dos cidadãos e na divisão dos campos, condenada por aqueles mesmos que a fizeram. Concediam-lhe que sacrificasse Bruto e os Cássios à vingança paterna, mas também não lhe ficaria mal quitar pelo bem público os ódios privados; mas ele havia enganado Pompeu e Lépido com simulação da paz e amizade, e pelos tratados de Tarento e Brindis seduzira Antônio, que afinal pagou com a vida uma pérfida afinidade. Verdade era que depois houve paz, porém cruenta; e lembravam-se dos desastres de Lólio e Varo, e das mortes dos Varrões, Enácios e Iulos. Nem a vida doméstica foi esquecida: veio à baila a mulher de Nero tomada e a consulta ludibriosa feita aos pontífices se ela podia legitimamente se casar no estado de gravidez; faziam-lhe carga da vida luxuosa que Q. Pédio e Vélío Polião, e foi mencionada Lívía, mãe funesta para a república e madrasta mais funesta para a casa dos Césares. Aos próprios deuses ele havia usurpado as honras, exigindo para si culto, templos, estátuas flâmines e sacerdotes. E o próprio Tibério, afinal, não fora escolhido para seu sucessor por afeto pessoal ou interesse da república, mas porque, reconhecendo-lhe arrogância e crueldade, quisera que da comparação lhe resultasse a glória.”

⁷ TÁCITO, C. Cornélio; Anais. Trad. Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Ediouro, s/ data

Pode ser uma citação demasiado longa para a natureza deste trabalho, contudo a insistência por mantê-la aqui é o julgamento de que dificilmente encontrar-se-ia maneira de apontar o dúbio caráter da figura de Augusto com precisão semelhante à do historiador latino que, não bastasse a propriedade do seu discurso e, talvez, justamente por ela, constitui uma autoridade de difícil contestação no assunto. Ali, encontramos o louvor à sua longevidade no poder, as honrarias de que foi alvo, sua habilidade política, pulso para decisões e seu caráter pio. Por outro lado, há ali também as acusações das quais foi réu por ter movido a guerra em nome de motivos egoístas, deixando de lado o bem da República; os meios indignos pelos quais teria obtido o poder das armas que levantou contra seus sócios triúmviros e, até, contra o Senado e as posturas indecorosas que o dito moralista tomara em sua vida pessoal.

Tudo o que fizera Augusto desde a morte de César, seja pela própria natureza das ações, seja pelas névoas em que se envolve a verdade, estão longe da unanimidade de opiniões e geravam, assim como geram hoje, todo o tipo de especulação e contestação – embora a maioria destes levantes, em sua contemporaneidade, não devessem passar de pequenas ondulações disfarçadas e receosas do poder do imperador.

Sua mais famosa realização é, sem dúvida, a *Pax Augusta* mas, lembremos que esta paz fora alcançada pelas armas, não só contra os povos vencidos, mas, sobretudo por mais uma guerra civil a que o povo de Roma fora obrigado a suportar. Segundo Rostontzeff (1967),

“Na luta que se seguiu entre Antônio e Otaviano, já não estava em jogo o supremo controle pelo senado: a questão se resolvera favoravelmente à liderança militar, e saber qual dos dois contendores era melhor para o povo é um problema secundário”⁸

A democracia republicana já levava um golpe assaz severo com César e não pôde mais se restabelecer com o segundo triunvirato que já estava fadado ao fracasso uma vez que Otávio não se flexibilizaria às idéias de Antônio, aliás, fiel à opinião de César de um governo militar centralizado no qual todos os súditos, fundidos num só corpo, devessem a mesma fidelidade ao governante, i.e., um governo em que italianos e provincianos seriam reconhecidos como iguais cidadãos.

Ora, estas idéias retiravam os privilégios exclusivos dos quais eram beneficiários os cidadãos romanos⁹ e os oferecia até as fronteiras do império. Ora, isso também significava onerar o Estado de todos os custos que estes cidadãos – principalmente os *ciues optimus iure* – geravam e, não é preciso

⁸ ROSTONTZEFF, M.; História de Roma. 2ª Edição. Trad. Waltesir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

⁹ Para uma visão mais adequadas destes direitos ver BORNEQUE, H. & MORNET, D.; Roma e os romanos. Trad. Alceu Dias Lima, São Paulo: Edusp, 1973.

nenhum grande economista para perceber as profundas mudanças pelas quais passaria Roma. Enquanto províncias, os submetidos a Roma carregavam sobre os ombros todo o peso da Urbe e os luxos de sua classe dirigente. Desde Cícero, os abusos dos governantes das províncias era exposto e até César é acusado de espoliação indevida de terras subjugadas pelo poderio romano¹⁰. Na proposta de Antônio o capital não estaria mais sujeito à força centrípeta para ser pulverizado por todas as regiões do império.

Independente de quem seria o governante soberano, o mais prejudicado seria Otávio, uma vez que Lépido e Antônio encontravam-se, justamente, governando províncias e, seja por esta razão, seja pelo orgulho da classe privilegiada italiana, da qual era grande expoente, que considerava o predomínio conseguido ao longo dos anos como direito adquirido, a guerra entre Otávio e Antônio acaba por realizar-se, logo após o golpe que depõe Lépido.

Mais uma guerra civil, a quarta em um século, se instaura em território romano, uma guerra que violava os pactos realizados há uma década pelos quais a paz era juramentada pelos plenipotentes e que, constituiria, pois, uma *perfidia*, a julgar pelo acontecido a Lépido, por parte de Otávio.

Daí, toda a recriminação de que nos fala Tácito: Augusto teria sim estabelecido a paz, mas, somente, após tê-la perturbado por motivos que muito bem poderiam ser considerados pessoais e não públicos. E, o mais importante, mesmo que estivesse ao lado “do povo e do senado romano” é Otávio quem quebra o acordo, que trai a *fides* dos Quirites.

2 – Amar aos seus, honrar a palavra.

Após esta longa exposição do elemento paratextual que interessa aqui, resta o debruçar, especificamente, sobre o objeto texto. Se o que se objetiva é circundar explicações a respeito de trechos em que a apologia à política de Augusto não pareça acontecer, mas, pelo contrário, pareça haver crítica a esta comece-se pela descrição do escudo de Enéias no final do livro VIII da epopéia, momento precedente à guerra contra os rútuos em que, travadas as alianças, Enéias é munido pelos deuses para a batalha. O escudo é entalhado pelo Deus-Ferreiro com acontecimentos da história de Roma, que ainda haveria de ser fundada pelos descendentes do herói.

Ora, esta passagem do texto remete, já, à Batalha do Áccio, batalha que determinou o destino de Roma em favor da política de Otávio. Há na descrição do centro do escudo um explícito louvor ao comportamento pio de Augusto – tendo *pietas* como a lealdade à pátria, aos antepassados e aos deuses – e a corrupção de Antônio o qual luta ao lado de estrangeiros e contra a sua terra. Essa batalha dá fim ao período de divisão do poder e é o golpe fatal na então moribunda república romana. Derrubando Antônio, senhor da África e

¹⁰ CATULO, XXIX

de parte do Oriente, Otávio tornava-se absoluto. Não há motivo para nos alongarmos com mais do que fora dito anteriormente, reafirmo apenas, que esta descrição no centro do escudo é em total acordo com os brios italianos tocados pelas idéias liberais de Marco Antônio.

A observação cabível aqui é às marginais do escudo. Nelas estão contidos desde mitos que remetem a fundação de Roma até acontecimentos próximos à época de Virgílio.

O primeiro mito é o do nascimento dos gêmeos Rômulo e Remo que já são, por si, frutos de um crime. Há a violação de um voto, a quebra de uma palavra empenhada e o maior agravante, um voto sagrado. É claro que não é pensável a hipótese de um crime cometido por um deus, uma vez que estes se encontram acima do bem e do mal conforme ver-se-á mais adiante, mais os mitos pululam de exemplos em que faltas de homens, mesmo que levadas pelos deuses, são ainda, faltas. Sucede-se o rapto das Sabinas “sine more”¹¹ e, segundo Tito Lívio, violando o direito das gentes¹². Este é um passo muito famoso do mito da concepção de Roma e é, sempre lembrado, como um exemplo de perfídia entre os povos. Seguindo adiante há a história de Méteo, menos conhecida que as anteriores, é certo, mas, talvez, a mais interessante a este esboço de análise: estando em conflito romanos e albanos, e tendo sobre sua batalha a sombra funesta dos etruscos, Méteo Fufécio e Tulo Hostílio acordam que a sorte da guerra seria decidida entre os gêmeos Horácios e Curiácios, e ao vitorioso caberia o derrotado como submetido e leal nas guerras. A vitória coube aos romanos, mas logo Méteo conspiraria para a derrota de Roma. Incita Fidenas e Véios a lutar contra Tulo Hostílio e quando este o chamou para guerra ele marchou com suas tropas até o campo de batalha ausentando-se, contudo, quando esta estava prestes a acontecer. Por estratégia de seu rei Roma saiu vitoriosa e Méteo fora acorrentado em duas bigas para que fosse partido ao meio como castigo. Sobre tal punição Tito Lívio,

“Foi a primeira e última vez que os romanos empregaram este suplício que desprezava as leis da humanidade. Em todas as outras ocasiões eles podem vangloriar-se de que nenhum outro povo se mostrou mais humanitário na aplicação dos castigos.”¹³

Embora Méteo estivesse sendo leal à sua pátria e buscasse libertá-la do poderio estrangeiro, o crime que cometera contra a palavra empenhada é de gravidade imperdoável. O castigo imposto ao albano é justamente um exemplo para o futuro. Nas palavras de Tulo Hostílio: “...que ao menos teu suplício ensine os homens a considerarem sagrados os compromissos que violassem.”

¹¹ *Aeneis*: VIII, 635

¹² LIVIO, Tito; História de Roma ab urbe condita libri . 1ºvol. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989:35

¹³ Idem

Avante no texto, há momentos relacionados à batalha com Porsena. No primeiro, destaca-se Horácio Cocles: que tendo os soldados companheiros acossados pelos tarquínios, conseguiu dissuadi-los da fuga “jurando pelos homens e pelos deuses”¹⁴ de que, se recuassem, logo estariam cercados de inimigos e que

“...tentaria suster o choque do adversário tanto quanto fosse possível a um homem sozinho fazê-lo.”¹⁵

E como dissera o fez, enfrentando a fúria do exército inimigo na ponte Sublícia até que esta se rompesse e os homens de Porsena estivessem afastados pelo Tibre. Cocles seria para sempre lembrado por sua lealdade e coragem ante a morte uma vez que, mesmo estando só, não deixava de desafiar as forças inimigas, guardando a ponte, conforme prometera, até que os seus destruíssem a única passagem mal guarnecida para os tarquínios.

No segundo momento, tem-se Clélia, jovem refém que, com suas amigas, garantia a retirada de Porsena do Janículo. A ousadia da moça foi a de, não somente livrar-se das cadeias e fugir sozinha – como era de esperar-se de uma mulher não acostumada aos trabalhos da guerra – mas

“...à frente das suas companheiras, conseguiu burlar a vigilância dos guardas, atravessar o rio a nado sob uma nuvem de dardos inimigos, e restituiu-las indenês às suas famílias em Roma.”¹⁶

Ainda mais surpreendente foi o cumprimento de todos os tratados por romanos e etruscos: Porsena exigiu a devolução de Clélia para que não considerasse os acordos de paz descumpridos e prometeu, ainda, devolver intacta a heroína. E o fez mostrando a fidelidade aos tratados – não importando que estes fossem seus inimigos.

E após, é representado Mânlio que alertado pelos gansos de Juno manteve-se sobre a rocha Tarpéia a defender sua posição contra a furtiva ofensiva dos gauleses. O que não o poupou de ser lançado desta mesma rocha por tentar tornar-se rei, conceito que vemos em Cícero, pouco, ou nada diferir do que se tornou Otávio:

“Tendes, pois, o primeiro exemplo de tirano; os gregos quiseram designar com esse nome o rei injusto; nós chamamos reis, indistintamente, a todos os que exercem por si sós uma autoridade perpétua. Foi por isso que Espúrio Cássio, M. Mânlio, Mélio e de certo modo, mais tarde, Tibério Graco foram acusados de querer usurpar o trono”¹⁷

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ CÍCERO, Marco Túlio. Da República. Trad. Nelson Jahr, Garcia. www.virtualbooks.com.br

Todas as lendas retratadas nas bordas do escudo estão de alguma maneira referindo-se à *fides*, valor tanto mais prezado pelos romanos, quanto mais estes se tornavam observadores dos direitos dos povos e tementes à ira divina¹⁸. Em cada uma destas histórias há o louvor ou a reprovação pela existência ou desrespeito – respectivamente – a tal valor.

Ora, não teria Enéias desrespeitado exatamente esta virtude ao abandonar Cartago? É certo que o fizera pela vontade dos fados e em obediência aos deuses, mas, foi por vontade própria que jurara lealdade e louvor eterno a Dido já em seu primeiro encontro com a rainha fenícia:

“Se para os bons ha numes, ha justiça
Pague-te o céu e a própria consciência
Que século feliz, que paes ditosos
Te houveram como filha? Emquanto os vagos rios
Forem-se ao mar, emquanto em gyro a sombra
Vier do monte ao Valle, emquanto o pólo
Pascer os astros. Onde quer que eu viva
Vivirá, com louvor teu nome e fama”¹⁹

E não somente aí, mas no verso 172 do IV canto encontramos a palavra *conjugium*, para a qual Faria(2003)²⁰ registra como significado próprio o de “união conjugal, casamento” e como sentido figurado o de “esposo ou esposa”. Assim também ocorre com *connubii* (v.168) para qual registra “direito de contrair casamento ou o ato em si”. Daí deduzirmos que os laços que ligaram Dido a Enéias foram, mesmo não havendo nenhuma descrição cerimonial por parte do vate, formalizados por juramentos mútuos.

Não é raro encontrarmos comentadores que colocam Aníbal como uma punição aos romanos, punição que é clamada por Dido em seus derradeiros momentos²¹. Ora, não há punição se antes não houver uma transgressão. Donald Schüller(1972)²² considera que os deuses atuariam como legisladores e juizes das ações humanas. Como exemplo disso podemos citar o episódio em que Aquiles é contido por Palas no momento em que se enfurecia com Agamémnone. Segundo o autor, este não demonstra surpresa em vê-la na fala

“Filha de Zeus tempestuoso, que causa te trouxe até Tróia?
Ver os ultrajes que Atrida Agaménone me faz neste instante.”²³

A palavra traduzida por “ultrajes” é *hybris*, uma transgressão culposa que há de ser redimida pelo que a comete. Nas palavras de Shüller,

¹⁸ Para melhor compreensão da assertiva, consultar em Tito Lívio o reinado de Anco Márcio.

¹⁹ MENDES, Manuel Odorico; Virgílio brasileiro. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1854.

²⁰ FARIA, Ernesto. Dicionário latino-português. Belo Horizonte: Garnier, 2003.

²¹ MARO, Publius Virgilio. Aeneis, IV, 621ss

²² SCHÜLLER, Donald; Aspectos estruturais na Ilíada. Porto Alegre: Editora da URS, 1972.

²³ HOMERO; Ilíada. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/ data

“A transgressão não se dirige só contra Aquiles, interessa, na opinião do ofendido, também os deuses que fiscalizam a conduta dos homens.”

A vinda de Aníbal, nesta perspectiva, é a *Ate*, ou castigo²⁴, para a transgressão de Enéias. Pode-se levantar a questão de que o Anquísida, ao contrário do Atrida, era guiado pela divindade a quebrar sua palavra. Há, neste caso a fácil réplica de que o herói tinha conhecimento de que a África não era seu destino antes mesmo de lá colocar os pés. Mesmo assim, suponhamos, então, que Tudo que o herói tenha feito seja única e exclusivamente guiado pelos numes. Schüller exemplifica a força punitiva das divindades mesmo quando estas são incitadoras dos crimes. Tendo próximo o fim da guerra entre gregos e troianos por acordos selados entre Príamo e Agamémnone, Palas, sob a forma do guerreiro Licaone, incita o Lício Pândaro a quebrar o juramento. O fato de o herói ter sido induzido à perfídia pela deusa não o absolve de ter morte nas mãos de Diomedes, guiado pela divindade, na batalha que se segue à quebra do juramento.²⁵

Todo o acima exposto tem o objetivo de indicar que a virtude que aparece nas extremidades do Escudo de Enéias é justamente aquela que o herói desdenha e é sobre a sua perfídia que ele ganha forças para partir rumo ao Lácio. E é sobre o Tratado de Bríndise que Otávio se torna Augusto.

Contudo, o que melhor poderia se caracterizar como referência direta ao imperador é o que se segue às lendas romanas: Catilina e Catão. Sobre Catilina pouco é preciso ser dito após os discursos de Marco Túlio Cícero. Catilina é posto sob o jugo das Fúrias, mais terríveis divindades do panteão, por ter conspirado contra a república. Catão, pelo contrário, é colocado como legislador dos justos. Sobre isso, afirma Odorico Mendes(1854):

“Louvou porem ao mesmo tempo os inimigos de Augusto em quem achava merecimento e virtude, como nesta passagem a Catão, como Gallo nas elegias (...) O que isto prova é que, pondo de parte a amizade com seu protetor, as almas dos dous poetas (Virgílio e Horácio) não podiam deixar de admirar a virtude e sympathisar com o mais irreprehensivel de todos romanos, como lhe chama Goldsmith, adoptando a opinião dos antigos.(...) Sabem todos que Cícero foi poderosamente ajudado no seu empenho contra o perverso Catilina; o qual achou um defensor em Júlio César, porque os tyranos sympathisam com os amotinadores e exagerados...”

Seria estranha a presença de um dos mais fortes defensores da república naquilo que precede o louvor do feito que fez de Otávio o imperador, a menos que vejamos nisso uma oposição em destaque: o mais justo dos homens – que prezava, sobretudo, pela democracia republicana – entre o já

²⁴ Ver também SCHÜLLER.

²⁵ *Iliada*, cantos IV e V

punido por tentar levantar-se para além da vontade do povo e do senado e aquele que conseguirá tal intento pelas armas – na qual águia enfrentou águia, plagiando as palavras de Lucano a respeito da guerra civil nos primeiros versos de sua *Farsália*.

E o que é que temos nas fala de Juno senão a acusação contra aquele que roga paz, mas, ironicamente de armas à frente?

“Pacem orare manu, praefigere puppibus arma?”²⁶

3 – “Vai, Sonho falso, até as naves velozes dos homens acaios”

Este é o nono verso do canto II da *Ilíada* de Homero e trata do ardil de Zeus para iludir Agamémnone a enviar seus homens na esperança de vitória sobre os troianos. Há, na *Eneida*, uma referência a estes sonhos falsos mandados pelos deuses para enganar os homens. Ela encontra-se encerrando o livro VI e Odorico assim a traduziu:

“Do Somno ha dous portões: sahida, affirmam,
O córneo facilita ás veras sombras;
Do que he de alvo marfim, terso e nitente,
Mandam falsas visões á luz os Manes.
Pelo ebúrneo, entretendo a vate e o filho,
Os encaminha Anquises e os despede,
Para as naus corta, aos seus reverte Enéias.”

É de estranhar-se que Enéias saia pela porta usada pelos sonhos falsos. A explicação fácil é de que Enéias é um mortal, não podendo, portanto, usar da porta destinada aos sonhos verdadeiros. Ora, esta explicação igualmente deveria impedir que ele usasse do outro portão, uma vez que os falsos sonhos são, igualmente, irmãos do Sono e da Morte e filhos da Noite.²⁷

Quando Homero tira Odisseu do inferno apenas temos “*no mesmo instante subiu para a nau*”²⁸. A dedução a que chega-se é a de que o herói Laerciada retorna pelo mesmo caminho pelo qual chegara a instância inferior visto a referência de que ele descera um fosso. Por que, então, Virgílio dá uma saída diversa da entrada para Enéias no mundo dos mortos? Outra saída fácil e previsível dos que classificam o mantuano de bajulador é que o trecho está inacabado e mereceria, ainda, retoques. O que Virgílio pretendia está para sempre perdido em seu túmulo, mas, o que o texto nos diz parece bastante coerente: perceba-se que o verso 899 deste livro nos diz que é Anquises quem conduz Enéias e Sibila de Cumas ao portão. A resposta para isto parece óbvia

²⁶ *Aeneis*, X, 617

²⁷ HESÍODO; *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.

²⁸ HOMERO; *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/ data

ao levar-se em conta alguns fundamentos da religião romana. Os deuses Manes não eram senão os mortos a que os romanos faziam culto.

“Prestai aos deuses Manes o culto que lhes é devido pois são homens que abandonaram sua vida terrena; considerai-os como seres divinos.”²⁹

Anquises é um deus Mane, como diz o verso 897, responsável por enviar os falsos sonhos aos homens. Lembre-se de que Enéias acabara de vislumbrar os destinos de Roma e a máxima de que a Urbe seria o legislador e governante do mundo. A revelação de Anquises a Enéias estaria, como todas as outras, envolta em trevas e carregadas de terríveis ambigüidades? Nesta perspectiva, o Sonho falso seria o herói enviado ao Lácio cheio de visões mentirosas do futuro – inclusive Augusto César que deveria devolver ao Lácio a idade de Saturno³⁰.

4 – Do Cumeo vaticínio eis chega a idade

O vaticínio a que se refere Virgílio não é um elogio a Augusto, mas a Pólião, plenipotente de Antônio em Brindes. Até a composição da Eneida, Virgílio assistira à guerra entre César e Pompeu, de Antônio e Otávio contra Brutus e Crasso e, finalmente, de Antônio contra Otávio. É famoso o sentimento não só que Virgílio nutre pela guerra, mas vários outros poetas, como Horácio. Após anos de guerra e conflitos políticos e civis de toda ordem, é de se esperar que Virgílio fizesse de sua quarta bucólica uma apologia à paz conseguida, finalmente, entre Otávio, Antônio e Lépido.

Um hino de esperança num futuro pacífico, sem mortes entre irmãos nem desterros injustos ou ganância do poder através da corrupção. Os anos que separam Bucólicas e Eneida teriam mudado de tal forma o pensamento do poeta a ponto deste esquecer tudo o que representou para ele a Paz de Brindes? Paz quebrada por Augusto, segundo alguns, por interesses próprios, mas, apoiado por uma elite latina, quando este se ergue contra Lépido e Antônio.

Pode-se, conforme foi tentado nas últimas páginas, apontar críticas à política Augusta na Eneida embora, obviamente, estas não pareçam tão evidentes a uma primeira leitura. Como não poderia deixar de ser, afinal, como afirmam biógrafos como Élio Donnato, o imperador fazia súplicas, com tom disfarçadamente ameaçador, para que o vate lhe mostrasse os versos recém-feitos da epopéia. E mesmo essas críticas dar-se-iam apenas contra a figura de um homem, e não poderiam macular o significado da fundação de todo o povo e a glória de sua nação.

²⁹ CÍCERO, Marco Túlio; De legibus. *Apud* COULANGES, Fustel de; A cidade antiga. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martins Claret, 2002.

³⁰ *Aeneis*, VI, 793-794

LIMA, W. F. ; VALUES OF A HERO: MYTH AND POLITICS IN VIRGIL'S EPIC POETRY.

Abstract: This scientific article aims out a reading of Virgil's *Aeneis*, with a review of the social and political values of such a work, starting from the less clear excerpts of the poem and, maybe for that reason, there are not many commentary reviews of them. Observing more ambiguous moments or, as we know, other whose analysis could have been hidden by the predominant interpretation, *i.e.*, taught in our academic environment, an attempt is made so as to check the importance that the emperor August has in the poem.

Keywords: Virgil; Aeneis; Rome; August; Roman's Values; Myth